

Revista Gepesvida

Edição Especial

<http://www.icepsc.com.br/ojs/index.php/gepesvida>

Número 13. Volume 5. 2019-2. ISBN: 2447-3545.



ADAPTAÇÕES CURRICULARES PARA ESTUDANTES COM TRANSTORNO DO ESPECTRO DO AUTISMO: O QUE OS PROFESSORES REALIZAM

Gabrielle Lenz da Silva¹
Renata Oliveira Crespo²
Sígla Pimentel Höher Camargo³

RESUMO

A educação inclusiva, tão frisada e reforçada pela política sancionada em 2008, diz respeito a garantia do direito de estar na escola e usufruir dela em todos os seus aspectos. Neste sentido, a inclusão pode ser definida como a ação que a escola e todos os seus atores fazem para respeitar as limitações e especificidades de cada aluno, modificando-se para conseguir atender as demandas individuais, buscando sempre o desenvolvimento de cada aluno, seja ele pessoal, pedagógico e social. As adaptações curriculares são maneiras diferenciadas que podem ser utilizadas para efetivar a inclusão escolar de alunos com deficiências. Este trabalho teve como objetivo investigar quais adaptações as professoras realizam nos conteúdos, materiais e estratégias para a inclusão dos alunos com Transtorno do Espectro do Autismo, conhecer onde elas buscam informações e parcerias sobre como realizar estas adaptações e explorar possíveis dificuldades que as professoras encontram neste trabalho. Para isto, foram realizadas entrevistas individuais com as professoras, as quais foram guiadas por um roteiro semi-estruturado e analisadas de acordo com a análise de conteúdo. As professoras buscam informações principalmente com a professora do AEE e no Google. As adaptações que mais realizam é a utilização de jogos para ensinar os diversos conteúdos, bem como utilização do ‘sistema de trocas’ para que o aluno

¹ Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Pelotas – UFPel, Pelotas, Rio Grande do Sul, Brasil. gabelenz@hotmail.com

² Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Pelotas – UFPel, Pelotas, Rio Grande do Sul, Brasil. reecrespo@gmail.com

³ Professora no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Pelotas – UFPel, Pelotas, Rio Grande do Sul, Brasil. sigliahoher@yahoo.com.br

Revista Gepesvida

realize as atividades propostas. A principal dificuldade que encontram, é a falta de recursos na escola.

Palavras-chave: Transtorno do Espectro do Autismo. Inclusão escolar. Adaptações curriculares.

ABSTRACT

The inclusive education, so stressed and reinforced by the policy sanctioned in 2008, concerns the guarantee of the right to be in school and enjoy it in all its aspects. In this sense, inclusion can be defined as the action that the school and all its actors do to respect the limitations and specificities of each student, changing to meet individual demands, always seeking the development of each student, be it personal, pedagogical and social. Curriculum adaptations are different ways that can be used to effect the school inclusion of students with disabilities. This paper aims to investigate which adaptations teachers make in the content, materials and strategies for inclusion of students with Autism Spectrum Disorder, to know where they seek information and partnerships on how to perform these adaptations and to explore possible difficulties that teachers encounter in this area. job. For this, individual interviews were conducted with the teachers, which were guided by a semi-structured script and analyzed according to the content analysis. The teachers seek information mainly from the AEE teacher and Google. The adaptations that perform most are the use of games to teach the various contents, as well as the use of the 'exchange system' for the student to perform the proposed activities. The main difficulty they encounter is the lack of resources at school.

Keywords: Autism Spectrum Disorder. School inclusion. Curriculum adaptations.

1. INTRODUÇÃO

A educação inclusiva, tão frisada e reforçada pela política sancionada em 2008, diz respeito a garantia do direito de estar na escola e usufruir dela em todos os seus aspectos. Neste sentido, a inclusão pode ser definida como a ação que a escola e todos os seus atores fazem para respeitar as limitações e especificidades de cada aluno, modificando-se para conseguir atender as demandas individuais, buscando sempre o desenvolvimento de cada aluno, seja ele pessoal, pedagógico e social. Não se pode considerar a inclusão escolar como forma de promover somente a socialização do estudante com deficiência, pois ela é muito mais significativa que isto, ela deve proporcionar “o ingresso e permanência do aluno na escola com aproveitamento acadêmico, e isso só ocorrerá a partir da atenção às suas peculiaridades de aprendizagem e desenvolvimento” (GLAT, PLETSCH E FONTE, p. 335, 2007).

Revista Gepesvida

Segundo Redig, Mascaro e Dutra (2017), estar fisicamente inserido no contexto escolar não é garantia de inclusão escolar. Para que esta aconteça, é preciso atender as necessidades de específicas de cada aluno, bem como garantir que todos aprendam da sua maneira e no seu ritmo. “Surge a necessidade de encontrar maneiras diferenciadas para que qualquer barreira que um aluno apresente para aprender os conteúdos acadêmicos seja eliminada” (REDIG, MASCARO E DUTRA, 2017, p. 37).

As adaptações curriculares são maneiras diferenciadas que podem ser utilizadas para efetivar a inclusão escolar de alunos com deficiências. Segundo Oliveira e Machado (2013, p. 36),

As adaptações curriculares, de modo geral, envolvem modificações organizativas, nos objetivos e conteúdos, nas metodologias e na organização didática, na organização do tempo e na filosofia e estratégias de avaliação, permitindo o atendimento às necessidades educativas de todos os alunos, em relação à construção do conhecimento.

Estas modificações se mostram necessárias para uma efetiva inclusão de alunos com Transtorno do Espectro do Autismo (TEA), visto que estes indivíduos apresentam déficits em duas grandes áreas do desenvolvimento: comportamento e comunicação/interação social, e também demonstram características como: adesão e dificuldades com mudanças repentinas nas rotinas, fuga de contato visual, dificuldades na fala como ausência, atraso e ecolalia, interesses restritos, movimentos repetitivos e estereotipados do corpo, dificuldade na interação social recíproca ou espontânea, sensibilidade ao som e dificuldade no pensamento abstrato (APA, 2014). Outra característica presente em pessoas com TEA é a hipo ou hiper estimulação sensorial, o que faz com que estes indivíduos processem as informações sensoriais de maneira desajustada e que pode influenciar em seu comportamento (LAMPRÉIA, 2007). Segundo Millan e Postalli (2019), estas características peculiares presentes em indivíduos com TEA fazem com que estes apresentem dificuldades na aprendizagem dos conteúdos presentes em sala de aula, bem como na forma tradicional em que estes são ensinados.

Favoretto e Lamônica (2014) apresentam dados interessantes em sua pesquisa a respeito da inclusão de alunos com TEA. Quando indagaram aos professores se estes realizam adequações no conteúdo e nas estratégias de ensino utilizadas em sala de aula para seus alunos com autismo, “81,58% dos professores responderam que sempre consideram a necessidade de adequar o conteúdo, 13,16% ocasionalmente e 5,26% nunca,

Revista Gepesvida

e 75,32% responderam que há a necessidade de modificar as estratégias e utilizadas em aula sempre; 21,05% ocasionalmente e 2,63% nunca” (FAVORETTO & LAMÔNICA, p. 114, 2014). Estes dados demonstram que a maioria dos professores estão conscientes a respeito da necessidade de realizar adaptações curriculares para a efetiva inclusão de seus alunos com TEA, bem como que a maioria já realiza as modificações necessárias.

Diante disto, este trabalho teve como objetivo investigar quais adaptações as professoras realizam nos conteúdos, materiais e estratégias para a inclusão dos alunos com Transtorno do Espectro do Autismo, conhecer onde elas buscam informações e parcerias sobre como realizar estas adaptações e explorar possíveis dificuldades que as professoras encontram neste trabalho.

2. METODOLOGIA

Primeiramente foi feito contato com a Secretaria Municipal de Educação de Pelotas para obter a autorização para a realização do estudo e carta de apresentação das pesquisadoras às escolas participantes. Após, foram sorteadas 20 escolas municipais de ensino regular que tinham alunos com TEA matriculados e frequentando a escola. As escolas foram contatadas, informadas a respeito dos objetivos do estudo e convidadas a participar mediante assinatura do Termo de Anuência da instituição.

As professoras foram contatadas via escola, as quais assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, quando dispostas a participar da pesquisa. Participaram 19 professoras, sendo estas docentes da educação infantil e anos iniciais do ensino fundamental da rede municipal de ensino de Pelotas/RS, que tinham ao menos 1 estudante com Transtorno do Espectro do Autismo matriculado e frequentando suas turmas. Para a coleta de dados sobre as dificuldades das professoras, foram realizadas entrevistas individuais, guiadas por um roteiro semi-estruturado, no qual continha questões relevantes sobre a inclusão de alunos com TEA. Estas foram agendadas e realizadas na própria escola, em horário de aula e em ambiente tranquilo para que as professoras se sentissem confortáveis durante a entrevista.

As entrevistas foram gravadas na íntegra e posteriormente transcritas e classificadas em categorias de análise a posteriori. Os dados foram percorridos pelas etapas de pré-análise, na qual foi respeitado o critério de objetividade e pertinência;

Revista Gepesvida

exploração do material, na qual foram formuladas as categorias; e tratamento dos resultados, etapa que categorizou as falas das professoras (CAVALCANTE CALIXTO e PINHEIRO, 2014). Para a análise dos dados obtidos nas entrevistas foi empregada uma metodologia qualitativa de análise de conteúdo proposta por Bardin (1977). O estudo foi submetido e aprovado pelo comitê de ética, bem como consentida pela Secretaria Municipal de Educação de Pelotas.

3. RESULTADOS

Primeiramente foi indagado às professoras em quais meios e/ou profissionais elas buscavam informações a respeito de estratégias e atividades para realizar as adaptações necessárias para a inclusão do aluno com TEA.

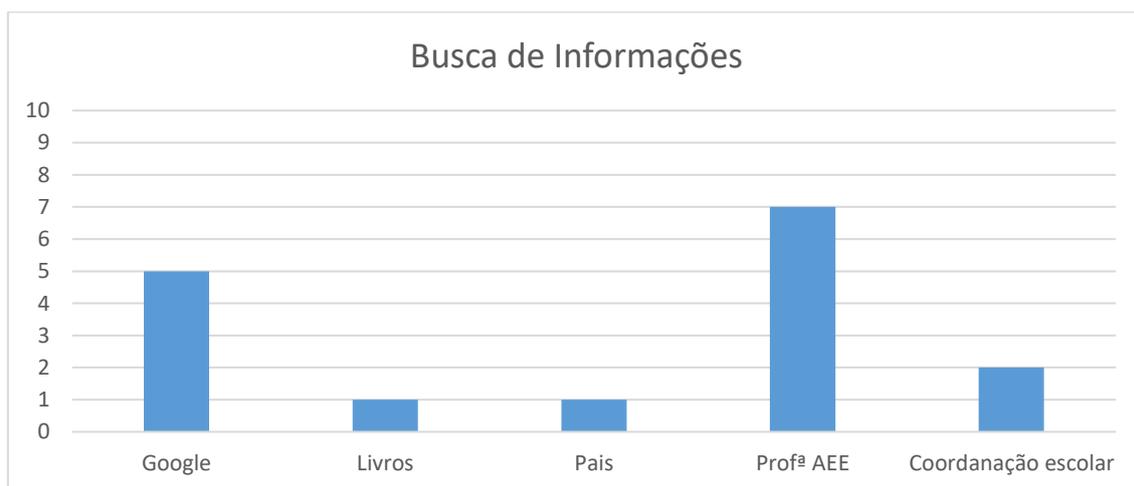


Gráfico 1

Nas falas das 19 professoras entrevistadas, podemos observar que as principais fontes de informação sobre estudantes com TEA é o Google – citado por 5 professoras – e a professora do AEE – citada por 7 professoras. As falas a seguir ilustram os dados apresentados no gráfico 1.

Aí eu fui procurar outras coisas, né, na santa internet. O tio Google é muito meu amigo. – Professora 8.

...com ajuda daqui da sala de recursos que a gente tem uma ajuda muito boa, nós temos uma professora na sala de recursos que ajuda bastante com atividades, com sugestões. Então isso aí foi que me ajudou muito assim. – Professora 11.

Revista Gepesvida

Livros, pais e coordenação escolar também foram citados como fontes de informação, embora menos recorrente.

As professoras também foram questionadas a respeito das adaptações que realizam para o aluno com Transtorno do Espectro do Autismo, as quais utilizam estratégias demonstradas no gráfico 2.

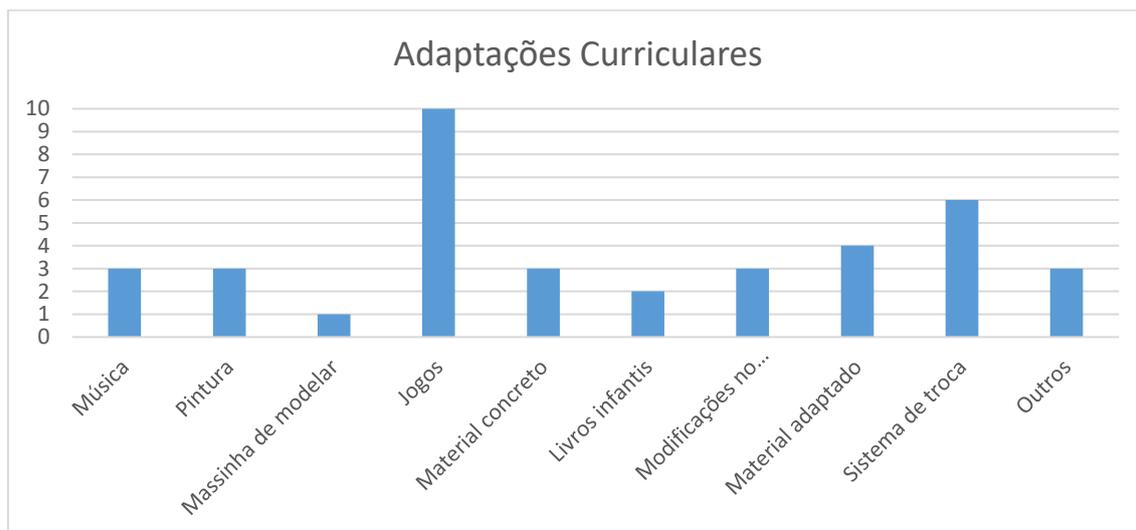


Gráfico 2.

O jogo foi citado por 10 (dez) professoras como uma adaptação curricular realizada para o aluno com TEA.

Olha, eu procurei, ali naquela peça tem vários joguinhos de multiplicação, várias coisas, eu procurei usar vários joguinhos. – Professora 5

O sistema de trocas (nomenclatura dada pelas professoras) é utilizado por 6 (seis) professoras.

Só que aí pra começar atividade, é outro problema, porque tem que usar um sistema de trocas. Ele não quer fazer, quer brincar, então eu digo assim pra ele: ‘Não, então nós vamos fazer assim: tu vai fazer uma atividade comigo, quando terminar atividade, aí tu vais ter o brinquedo que tu quer e nós vamos brincar juntos’. – Professora 4

Quatro professoras relataram adaptar materiais para facilitar a utilização do estudante com autismo.

Aumentar o lápis também, como ele tem essa coordenação comprometida, a gente bota um EVA na volta ou esponja pra ele segurar mais. – Professora 12

Revista Gepesvida

Outras adaptações curriculares foram citadas pelas professoras, como utilização de música, massinha de modelar, pintura, material concreto, livros infantis, modificações ambientais e outros. Neste último se encaixam estratégias como deixar o aluno fazer o que deseja.

Por fim, as professoras relataram algumas dificuldades que enfrentam para realizar adaptações curriculares para seus alunos com autismo (gráfico 3).

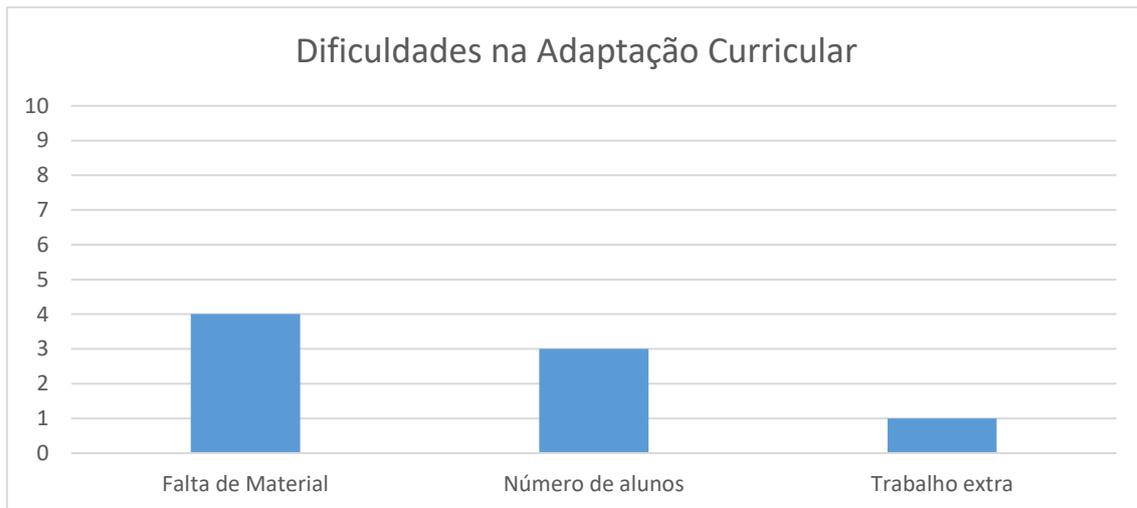


Gráfico 3.

Quatro professoras relataram que a maior dificuldade em realizar adaptações curriculares para seus alunos com TEA é a falta de materiais disponíveis na escola, tanto para a utilização em atividades como para a confecção de novos recursos. O número de alunos na turma foi uma barreira apresentada por três professoras. Somente uma professora considera o trabalho extra como uma barreira para a realização das adaptações curriculares.

4. DISCUSSÃO

Ao analisar os dados provenientes das entrevistas, pode-se perceber que a maioria das professoras buscam auxílio e informações de como realizar adaptações curriculares para os alunos com TEA com a professora do Atendimento Educacional Individualizado (AEE). Isto está de acordo com a perspectiva da educação inclusiva, na

Revista Gepesvida

qual o aluno com deficiência não é somente de responsabilidade da professora titular da turma.

A inclusão do aluno precisa ser compartilhada com todos os profissionais envolvidos no processo de ensino-aprendizagem. No entanto, poucas professoras relataram ter e/ou buscar ajuda com a coordenação escolar, ação que precisa mudar no ambiente escolar.

[...]. há a necessidade da organização de uma rede de saberes, na qual os profissionais envolvidos com esses alunos, na sala de aula ou em outros ambientes da escola ou ainda no AEE, que pode acontecer fora da sua escola, precisam ter a condição de compartilhar os caminhos que são necessários para esse aluno aprender e se desenvolver. (BRAUN E VIANNA, p. 26, 2011)

Vindo ao encontro destas ideias, que demonstram a necessidade de criar uma rede de saberes que se auxiliem mutuamente na inclusão do aluno com TEA, está a pouca recorrência do auxílio dos pais na inclusão destes estudantes. Estes podem ser de grande apoio para os professores, pois podem os manter informados a respeito das preferências do aluno (algo importante para a inclusão de indivíduos com TEA), bem como ajudar a pensar em conjunto objetivos para o desenvolvimento dele (REDIG, MASCARO E DUTRA, 2017).

A busca por informações e auxílio para a inclusão de alunos com deficiência está sendo amplamente discutida e o trabalho colaborativo está ganhando espaço neste processo, pois requer diálogo entre os profissionais (professor titular, professor do AEE, coordenação escolar e outros profissionais que atendam o aluno) e familiares do aluno, o que promove um crescimento profissional, desenvolvimento acadêmico do aluno e a plena inclusão escolar (MARQUES, BARBOSA E GOMES, 2018).

A busca na internet, em sites como Google, e em alguns livros pode apresentar pouca credibilidade nas estratégias encontradas, pois pouco se sabe sobre a validade do que é apresentado. Sabe-se que há práticas baseadas em evidência que demonstram validade e eficácia na inclusão de alunos com TEA, no entanto, percebe-se que muitos professores não têm acesso a esse tipo de conteúdo, que em sua maioria se encontra em artigos científicos (NUNES E SCHMIDT, 2019).

Referente às adaptações curriculares e estratégias que as professoras realizam e utilizam para os alunos com TEA, pode-se perceber, pelas falas, que estas não parecem estar amparadas por objetivos traçados para estes alunos, levando em consideração os

Revista Gepesvida

objetivos gerais da turma. Poucas relatam a utilização das estratégias para o ensino dos conteúdos, como a professora 5 citada anteriormente. Ao realizar uma adaptação e/ou estratégia de ensino para o aluno, a professora deve ter claramente definido o que se pretende ensinar com aquela atividade, de que forma ela vai auxiliar no desenvolvimento das habilidades e competências e de que forma ela vai ser avaliada. As adaptações curriculares podem se encaixar em duas classificações: não-significativas e significativas. As primeiras se referem a modificações menores e de fácil realização, como mudanças no ambiente, adaptação de material e outras formas de ensinar o conteúdo (jogos, música, pintura, material concreto, massinha de modelar – estratégias apresentadas pelas professoras). As adaptações significativas são mais amplas e requerem o envolvimento e planejamento de toda a instituição, o que não foi percebido nas falas das professoras (OLIVEIRA E MACHADO, 2013). O sistema de troca, relatado por 6 professoras, refere-se na verdade ao princípio Premack conhecido na literatura como ‘Primeiro/Depois’ (First/Then), é um recurso no qual se explicita ao aluno que primeiro ele deve completar uma atividade menos preferida, para depois realizar algo de maior preferência. Isto mostra-se como um recurso eficaz para estudantes com TEA (HEFLIN E ALAIMO, 2007).

Sobre as dificuldades em realizar adaptações curriculares para os alunos com TEA, sabe-se que a falta de materiais e recursos disponíveis na escola, bem como o número de alunos é uma queixa frequente das professoras e um argumento frente a um trabalho pouco focado e sistematizado com o aluno com TEA (FAVORETTO & LAMÔNICA, 2014).

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Compreende-se que as professoras participantes da pesquisa estão buscando formas de efetivar a inclusão de seus alunos com TEA. No entanto, suas ações demonstram pouco conhecimento a respeito de onde buscar informações e como realizar adaptações que se mostrem efetivas para estes alunos. Mostra-se urgente um melhor preparo dos professores para que consigam o sucesso acadêmico de seus alunos com autismo, focando em suas necessidades e adaptando atividades e materiais que vão ao encontro das suas limitações e capacidades. Ressalta-se a necessidade de divulgar, no

Revista Gepesvida

ambiente escolar, as práticas baseadas em evidência, para que os professores passem a utilizar em suas aulas ações que se mostram cientificamente eficazes para os alunos com TEA e assim consigam melhores resultados com estes alunos.

REFERÊNCIAS

AMERICAM PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5**. Porto Alegre: Artmed, 2014. 992 p.

Bardin, L. **Análise de conteúdo** (L. A. Reto & A. Pinheiro, Trads.). Lisboa: Edições 70, 1977.

BRAUN, Patrícia; VIANNA Márcia M. Atendimento educacional especializado, sala de recursos multifuncional e plano de ensino individualizado: desdobramentos de um fazer pedagógico. In PLETSCH, M. D. & DAMASCENO, A. (orgs). **Educação especial e inclusão escolar: reflexões sobre o fazer pedagógico**. Seropédica, RJ: EDUR, p. 23-34, 2011.

BRASIL, **Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva**. Brasília: MEC/SEESP, 2008.

FAVORETTO, N. C. & LAMÔNICA, D. A. C. Conhecimentos e necessidades dos Professores em relação aos transtornos do espectro autístico. **Rev. Bras. Ed. Esp.**, Marília, v. 20, n. 1, p. 103-116, Jan.-Mar., 2014

HEFLIN, J. ALAIMO, D. F. **Students with autism spectrum disorders: effective instructional practices**. Upper Saddle River: Pearson Education, 1 ed, 2007.

LAMPREIA, C. A perspectiva desenvolvimentista para a intervenção precoce no autismo. **Estudos de Psicologia**. Campinas 24(1) p. 105-114. Janeiro – março, 2007.

MARQUES, A. H.; BARBOSA, V. M.; GOMES, L. T. S. A inclusão do estudante com transtorno do espectro autista nos anos iniciais do ensino fundamental: os desafios enfrentados pelo docente nesse processo. **Revista diálogos e perspectivas em educação especial**, v.5, n.2, p. 11-28, jul.-dez., 2018.

MILLAN, Ana Elisa; POSTALLI, Lidia Maria Marson. Ensino de Habilidades Rudimentares de Leitura para Alunos com Autismo. **Rev. bras. educ. espec.**, Bauru, v. 25, n. 1, p. 133-154, mar. 2019.

Revista Gepesvida

NUNES, Débora R.P., SCHMIDT, Carlo. Educação Especial e Autismo: Das práticas baseadas em evidências à escola. **Caderno de Pesquisa**, São Paulo, v. 49, n 173, p. 84-104, jul/set. 2019.

OLIVEIRA, Eloiza de; MACHADO, Katia S. Adaptações curriculares: caminho para uma Educação Inclusiva. In: GLAT, Rosana. **Educação Inclusiva: Cultura e Cotidiano Escolar**. Rio de Janeiro: 7letras, 2013. p. 36 – 52.

REDIG, A. G.; MASCARO, C. A. A. C.; DUTRA, F. B. S. A formação continuada do professor para a inclusão e o plano educacional individualizado: uma estratégia formativa? **Revista Diálogos e Perspectivas em Educação Especial**, v.4, n. 1, p. 33-44, 2017 - Edição Especial

Data da submissão: 17-08-2019
Data da aceitação: 16-12-2019